

Referência histórica no ensino da Agricultura em Portugal

CORRIA A DÉCADA DE 1940 QUANDO “POR ESCRITURA PÚBLICA LAVRADA EM LISBOA, NO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS”, JÚLIO DE CAMPOS MELO E MATOS, “UM ILUSTRE BEIRÃO”, DOOU TODAS AS SUAS TERRAS AO ESTADO PORTUGUÊS PARA QUE NELAS FOSSE CONSTRUÍDA UMA ESCOLA AGRÍCOLA. SÃO 320 HECTARES DESTINADOS À MISSÃO DE FORMAR JOVENS PARA TRABALHAR NO CONTEXTO DA RURALIDADE, NUM TERRITÓRIO DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL.

A Escola Profissional Agrícola Quinta da Lageosa (EPAQL) é um espaço de ensino ímpar que reúne todos os recursos para a formação teórica e prática do setor Agroflorestal. “Não precisamos de parcerias com agentes privados para práticas simuladas, aqui os alunos têm todas as condições para praticar em contexto real”, refere Agostinho Ferreira, diretor da EPAQL. Um ensino diferenciado que fornece aos estudantes as ferramentas necessárias para entrarem no mercado de trabalho com elevado grau de competências, algo que, o diretor entende, “difícilmente conseguem alcançar por via de estágios em empresas do setor”. “Cabe a esta Escola Agrícola, que tem todos os recursos, aprofundar e cimentar essas competências que são, muitas vezes, competências de alto risco”, sublinha.



Na EPAQL os estudantes podem enveredar pelos Cursos de Educação e Formação (CEF) (Tipo2) de Operador de Máquinas Agrícolas ou Tratador e Desbastador de Equinos. Ao nível dos Cursos Profissionais as opções formativas recaem nos cursos de Técnico de Produção Agropecuária ou Técnico de Gestão Equina.

O curso de Produção Agropecuária é aquele que mais candidatos capta, “por ser mais abrangente”, seguido de Gestão Equina que dá resposta ao incremento de atividades turísticas na região – “o turismo é uma peça fundamental que está a despertar na Beira Interior e a atividade equestre está cada vez mais ligada a esse setor”, sublinha o diretor.

Estas formações atendem às necessidades reais da região, sendo uma das missões fundamentais desta Escola promover a fixação dos jovens que vivem na Beira Interior. Oriundos, maioritariamente, da Covilhã e dos concelhos vizinhos são estes jovens, com ligações genésicas à terra, que a EPAQL procura cativar, pois “são os que têm a maior probabilidade de ali permanecerem a residir e a trabalhar”. “Embora tenhamos alunos de Lisboa ou da Madeira, o maior volume vem da Guarda,

Covilhã, Trancoso, Pinhel, Celorico, Fundão, Penamacor”, esclarece Agostinho Ferreira, que vê com alguma dificuldade a fixação de alunos estrangeiros, pois revela-se fundamental a existência de uma forte ligação cultural e sociológica à região. “Quando os jovens têm tradição familiar neste setor torna-se facilitado o processo de aprendizagem, porque já estão naturalmente motivados, já sabem fazer muita coisa e por vezes também trazem hábitos e conhecimentos de casa que partilham com a Escola”.



A Escola Profissional Agrícola Quinta da Lageosa é um espaço de ensino ímpar que reúne todos os recursos para a formação teórica e prática do setor Agroflorestal.

Num ensino essencialmente prático e que envolve o trabalho com equipamentos potencialmente perigosos, se manuseados sem a devida supervisão e formação, as turmas são reduzidas para que todos tenham a oportunidade de praticar sob o olhar atento dos docentes: “Aqui, os estudantes passam a maior parte do tempo fora de uma sala de aula e adquirem as competências de uma forma que não é tão tradicional”, assevera o diretor.

Aos que escolhem a EPAQL para aprofundarem as suas competências no setor Agroflorestal, a Escola oferece todas as condições de estudo e residência (para o que vêm de longe), fomentando o empreendedorismo num setor tão fascinante, quanto instável e exigente. Neste âmbito, estão assentes parcerias com a Câmara Municipal da Covilhã no âmbito do programa Erasmus que, de dois em dois anos, permite a alguns alunos vivenciarem realidades em países como Espanha, França,

Reino Unido, regressando com maior entendimento do mundo – “Estes alunos, quando regressam, já não são os mesmos. O facto de terem estado dois ou três meses em Bordéus ou Sevilha, por exemplo, abre-lhes completamente os horizontes”. Por outro lado, a Escola aposta em viagens ao exterior, como por exemplo, a Feira Agrícola em Paris; grandes eventos que permitem a estes jovens presenciarem um ambiente de grande profissionalismo e dignificação da atividade agrícola, algo que carece de maior atenção em Portugal: “Vemos, por exemplo, que a restauração/hotelaria está na ordem do dia, mas da sua base – que é a atividade agrícola – ninguém fala. Não vemos as coisas como um todo. Os agricultores é que estão na base e, cada vez mais, é preciso produzir-se com qualidade e sustentabilidade, mas quando vamos ao supermercado poucos são portugueses que analisam se o produto é de produção biológica ou integrada, por exemplo”.

Agostinho Ferreira alerta ser necessário caminhar no sentido da dignificação da atividade em Portugal: “Mais formação vai fazer com que os agricultores produzam com mais qualidade, mas quem vai dignificar a atividade é o mercado”. Falamos de um processo educacional, que deveria ter a chancela superior, iniciando-se no ensino básico, e no contacto das crianças com a realidade das escolas agrícolas – “mostrar aos alunos como surge a maçã, o ovo da galinha, o leite, o porco. Mostrar que a fruta não é toda igual, nem todo o ovo é igual. Que um frango produzido em regime intensivo, cresce mais rápido que um criado de forma tradicional, logo, a sua estrutura biológica e qualidade não podem ser as mesmas, etc.”, sugere.

Esta ligação da EPAQL à comunidade estende-se às escolas do concelho da Covilhã e Penamacor e a algumas instituições de solidariedade social que ali tomam contacto com ações de hipoterapia e equitação terapêutica, dinamizadas por professores e alunos. Uma instituição de portão aberto à comunidade e ao setor empresarial com os quais enceta protocolos de estágios para os seus alunos. Falamos de parcerias com diversos produtores, juntas de freguesia e institutos, onde os estudantes fazem 110 horas de formação anual, decorrendo as restantes em contexto escolar.

Inserida num território que revela “quebras de natalidade assustadoras”, é intenção da EPAQL subsistir e

contribuir para que as demais atividades presentes na região persistam e possam crescer. Agostinho Ferreira realça o papel desta instituição como “fundamental para formar pessoas que vivam nestes territórios” – “são as atividades agrícolas, florestais e equestres que permitem que as pessoas fiquem aqui. A Escola funciona como uma âncora para fixar pessoas nas al-

deias. E este território precisa das aldeias”, reitera, não deixando de focar o periclitante problema dos fogos florestais “que tivemos, e vamos continuar a ter”. O diretor apela à intervenção das entidades competentes que forneçam as ferramentas necessárias para que estes jovens consigam fazer algo fundamental: o mosaico paisagístico, que impeça a destruição mas-



“Mais formação vai fazer com que os agricultores produzam com mais qualidade, mas quem vai dignificar a atividade é o mercado”.

siva de mato ou floresta, “porque de outra forma não há como controlar o fogo”. “Para continuarmos a ter um mosaico paisagístico, que será uma combinação da floresta com a Agricultura, precisamos de pessoas destas áreas que gostem disto, que amem a terra. A Agricultura tem de ser feita por alunos que consigam sentir a terra como uma mãe. Há pessoas que nascem com esse gosto, mas enfrentamos o risco do não reconhecimento”.

